

nio Candido, ao preparar a edição dos *Contos Novos*, entre os quais estava PRIMEIRO DE MAIO, defrontara-se com o plano deste novo livro, com o manuscrito e, principalmente, com o valor do conto, aliás bastante trabalhado (ou amadurecido) pelo escritor. Acatou o plano e colocou PRIMEIRO DE MAIO, de forma correta e indiscutível, no volume XVII, votado à melhor produção do contista.

Agora, em 2009, a presente edição, no desejo de cumprir integralmente o plano do autor para sua *Obra imatura*, curva-se à realidade da duplicação ao estampar, no dossiê dos documentos, o datiloscrito rasurado de PRIMEIRO DE MAIO; possibilita, assim, a leitura do conto nos dois contextos.

Esta edição Agir oferece os textos dos contos, dos esquetes e da poética apurados com base nos manuscritos em exemplares de trabalhos, nas versões datiloscritas rasuradas e na versão Martins de 1960. Atualiza a ortografia pela norma vigente, sem prejuízo das formas compostas inventadas ou desatendidas por Mário em substantivos, adjetivos e locuções adverbiais, como “vinte-e-três”, “quarto-de-hora”, “de-certo” ou “norteamericano”, importantes para o ritmo de sua frase. Quanto aos numerais, admite a flutuação algarismos e escrita por extenso praticada em *Primeiro andar* e n'A escrava que não é Isaura.

Na poética modernista, as abundantes citações de autores estrangeiros evidenciam o diálogo do texto com obras nas estantes de Mário de Andrade, que traduz ou providencia a tradução desses excertos de escritores alemães, ingleses ou russos, mas conserva, no original italiano e francês, fragmentos da poesia dos futuristas, assim como de Rimbaud, Verlaine e outros. Esse procedimento deriva, talvez, de uma equivocada visão das possibilidades de leitura, ao medir o Brasil pela cidade de São Paulo. E assim mesmo... Na capital paulista, devido à imigração ainda de certo modo recente, ouvia-se italiano nas ruas; e o francês era idioma da leitura e de conversas cotidianas da camada culta brasileira nas

duas primeiras décadas do século XX. Não tendo sido objeto de tradução em rodapé, no livro de 1925 ou na *Obra imatura* da Martins, os trechos em francês têm agora alargada a sua recepção. Transpostos para nossa língua, por Lilian Escorel, procuram sanar o que seria hoje, por certo, uma limitação, e garantir a leitura de conceitos importantes.

